

Observações e confissões de Drummond acerca do tempo

Cristiano Jutgla*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar duas obras de Carlos Drummond de Andrade, respectivamente, o livro de crônicas *Confissões de Minas* (1944) e o diário *O observador no escritório* (1985). A questão norteadora do trabalho entende que os textos drummondianos dialogam de maneira crítica com o tempo histórico abarcado por ambas as obras, no caso, dos anos 1930 aos 1970. Para tanto, o autor se vale de estratégias expressivas indicadoras de uma consciência acerca da relação contraditória entre o projeto de modernização no Brasil e impasses históricos, dos quais o autoritarismo é um de seus principais e agudos exemplos.

Palavras-chave: Autoritarismo. *Confissões de Minas*. Drummond. *O observador no escritório*.

No prefácio às suas *Confissões de Minas* (1944), Drummond expõe de maneira direta o ambiente em que as crônicas foram gestadas: “Escrevo estas linhas em agosto de 1943, depois da batalha de Stalingrado e da queda de Mussolini. Meu livro vai para o linotipista. Não quis que se compusesse sem acrescentar-lhe algumas palavras, menos de explicação ou desculpa do que de exame de conduta literária diante da vida” (ANDRADE, 1973, p. 721).

Em uma primeira leitura, o excerto acima nos leva a crer

* Doutor em Literatura Brasileira pela USP. Prof. Adjunto de Literatura Brasileira na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. E-mail: crisaug2005@yahoo.com.br.

que as crônicas de Drummond aproximam-se das acepções mais tradicionais de crônica, em especial, as que a consideram um gênero em direto contato com a *ordem do dia*:

Modalidade literária sujeita ao transitório e à leveza do jornalismo, a crônica sobrevive quando logra desentranhar o perene da sucessão anódina de acontecimentos, diários, e graças aos recursos de linguagem do prosador. Sucedendo tais circunstâncias, afigura-se que a 'inspiração' do escritor apenas se materializou em crônica por uma feliz coincidência entre o fato passageiro e as matrizes de sua faculdade criadora. *Fora daí, a crônica vai envelhecendo à medida que o evento determinante se distancia do tempo, tragado por outras ocorrências igualmente rumorosas e passíveis de gerar equivalentes crônicas.* (MOISÉS, 1985, p. 133, grifo meu).

Além da informação sobre o pano de fundo histórico, recuperado pelo próprio autor quando da publicação das crônicas em livro, poderíamos também nos lembrar de outros fatos em torno do combate bélico mundial, os quais pautavam as redações dos meios de comunicação dos anos 1930 e 40: exílio em massa, imperialismo, fome, genocídio, totalitarismo, e (por que não?) o próprio Estado Novo, caso assim ele o permitisse. A lista é grande e sua presença se faz mais do que justificável em qualquer crônica da época.

Em outras palavras, o prefácio de Drummond reconhece o tempo como dado fundamental de sua matéria, conforme diria o poeta no ano seguinte em sua não menos interlocutora do tempo *A rosa do povo* (1945). Porém, Drummond não trata desses temas; conquanto tradicionalmente o tempo da crônica esteja ligado ao calor da hora, à sua massificação nos jornais,¹ o autor não se vale desses como mote para pensar o tempo, pelo contrário, o

¹Em ensaio sobre a prosa drummondiana, João Adolfo Hansen observa que a crônica padece quando lida em outro momento e suporte: "A função comunicativa do gênero, que no jornal é virtude, é o seu maior defeito estético, quando os textos são juntados em livro [...] Daí, muita vez, esse ar meio parado de depósito de coisas fúteis usadas que os livros de crônicas geralmente têm" (HANSEN, 2006, p. 176-7).

cronista não direciona seu olhar não para as grandes narrativas oficiais expostas nas matérias diárias. Ainda conforme o prefácio do cronista:

Declaro honestamente que falta a meu livro isso que para mim, neste domingo de agosto, é o mais precioso de tudo: falta-lhe o tempo, com suas definições. As páginas foram-se escrevendo mais para contar ou consolar o indivíduo das Minas Gerais, e dizem bem pouco das relações desse indivíduo com o formidável período histórico em que lhe é dado viver. Mesmo assim, não as desprezo. Dou-as como depoimento negativo, indicando aos mais novos que devem formular depoimentos positivos, autênticos e até mesmo impiedosos se for o caso. (ANDRADE, 1973, p. 722).

*Observações
e confissões
de
Drummond
acerca do
tempo*

215

Há uma espécie de esquiva em relação aos discursos oficiais ou, mais brandamente, às premências do momento. Tal ato de recuo sobre a construção da história pela pauta midiática traz à baila um conciso poema de Bertolt Brecht, escrito durante seu exílio nos Estados Unidos durante os anos 1940:

Hollywood
A cada manhã, para ganhar meu pão
Vou ao mercado onde mentiras são compradas.
Esperançoso
Tomo lugar entre os vendedores. (BRECHT, 2000, p. 290).

Se Brecht ironiza sua opção por se tornar mais um vendedor de mentiras, a serviço de uma fábrica de ideologias chamada Hollywood, Drummond, de modo mais direto, afirma que falta às suas páginas “o tempo, com suas definições”; em outras palavras, ele evita a história, a “praça de convites”, tendo por temática central de sua obra a narração de experiências individuais, opção, por assim dizer, que salta aos olhos em boa parte das *Confissões de Minas*. Para fins de comprovação, um breve levantamento dos motes confessos revela a atenção dispensada a colegas (caso de Alberto Campos), amigos (Abgar Renault, Candido Portinari, Emílio Moura João Guimarães Alves,

Mário de Andrade.), escritores e/ou obras admirados (Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Federico García Lorca, François Mauriac, Gonçalves Dias) e cidades (Itabira, Sabará). No livro em questão, o leitor não encontrará nenhum título ou crônica exclusiva ou parcialmente sobre as manchetes jornalísticas.

Nesse sentido, o lembrete sobre o tempo no prefácio, sobretudo quanto à Segunda Guerra Mundial e ao nazifascismo, não deve ser entendido como indicador dos assuntos das crônicas. O introito funciona como rota de fuga, discurso em desacordo com a historicidade da referida introdução. Desse modo, frustra o leitor desejoso de crônicas voltadas a fatos de grande impacto coletivo da época. Em seu lugar, Drummond dá preferência, nas crônicas, ao tempo da experiência, sua passagem tensa sobre os monumentos da cultura, como as cidades e as obras de arte, variedade de temas, modos de configuração e importância do tempo, elementos bem notados por Arrigucci Jr:

Esse gênero de literatura ligado ao jornal está entre nós há mais de um século e se aclimatou com tal naturalidade, que parece nosso. Despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia, a crônica tem sido, salvo alguma infidelidade mútua, companheira quase que diária do leitor brasileiro. No entanto, apesar de aparentemente fácil quanto aos temas e à linguagem coloquial, é difícil de definir como tantas coisas simples.

São vários os significados da palavra *crônica*. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*. Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da via escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo.

Lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória, escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido - uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 51-2).

A este mosaico de traços compositivos da crônica, apontado por Arrigucci Jr., devemos somar o deslocamento de

enfoque sobre o tempo, a saber, do assunto oficial das páginas dos jornais para a narração de si e do outro. Trata-se de um movimento que encontra pontos de contato com a reflexão de Leonor Arfuch acerca do espaço biográfico, do qual a crônica também faria parte:

A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida. Inscrevem-se assim, para além do gênero em questão, numa das grandes divisões do discurso, a *narrativa*, e, estão sujeitas, portanto, a certos procedimentos compositivos, entre eles, e prioritariamente, os que remetem ao eixo da temporalidade. Efetivamente, o que mais a atribuição autobiográfica supõe, além da ancoragem imaginária num tempo ido, fantasiado, atual, prefigurado? (ARFUCH, 2010, p. 111).

*Observações
e confissões
de
Drummond
acerca do
tempo*

217

O ato narrativo sobre si e sobre o outro das crônicas drummondianas é uma das principais marcas que caracterizam sua escrita como pertencente, em sentido amplo, ao campo da escrita (auto)biográfica, marcas essas presentes no livro que tornam o título *Confissões de Minas*, por assim dizer, coerente com seus intentos.

O deslocamento das demandas coletivas rumo às singularidades do eu, operado por Drummond, é notado argutamente por Hansen:

Muitas vezes, as crônicas de Drummond sofrem desses defeitos determinados não propriamente pelo estilo, mas pela simples mudança do meio material de publicação. Mesmo assim, a passagem do tempo e a função comunicativa própria do gênero não eliminam totalmente o sentido negativo que imprime aos temas nos textos publicados como livro. Isso porque usa a crônica tentando a subordinar sua estrutura comunicativa à dramatização de conflitos, tensões e contradições da memória coletiva depositada nas matérias sociais que transforma nela, que, compondo o estilo como negatividade, consegue derrotar a aquém e além delas, para ganhar autonomia análoga à da poesia. (HANSEN, 2006, p. 177).

O movimento do coletivo para o social e, a nosso ver, para os sujeitos, leva a construções cuja força expressiva se

atualiza, de forma semelhante à autonomia da poesia que, com sua concisão e aparente “descompromisso” com o contexto histórico, se reatualiza, evitando, assim, a datação.

Nesse sentido, a primeira marca do foco biográfico no lugar do social nas *Confissões de Minas* situa-se na escolha dos temas. Ademais, a já comentada ausência do “tempo com suas definições” nas crônicas deve ser lida de modo cuidadoso, pois o protagonismo conferido às pessoas, e não às manchetes, abre-se como um caminho dos mais interessantes e produtivos para se pensar a história coletiva porque trabalha com a ideia de heterogeneidade, diferença e fragmentação de valores sobre a história. Drummond volta-se para a concretude do tempo na existência de homens que, no cotidiano autoritário do Estado Novo e totalitário da Segunda Guerra Mundial, lutam contra sua passagem.

Ao falar da importância em sua vida de amigos, tais como Abgar Renault, Emilio Moura, Portinari, e obras de García Lorca, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, por exemplo, o escritor lança mão de um recurso ligado ao campo biográfico:

A simples menção do ‘biográfico’ remete, em primeira instância, a um universo de gêneros discursivos consagrados que tentam apreender a qualidade evanescente da vida opondo, à repetição cansativa dos dias, aos desfalecimentos da memória, o registro minucioso do acontecer, o relato das vicissitudes ou a nota fulgurante da vivência, capaz de iluminar o instante e a totalidade. Biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências dão conta, há pouco mais de dois séculos, dessa obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência. (ARFUCH, 2010, p. 15).

Segundo Arfuch, os gêneros discursivos que se dedicam a legar marcas singulares, portanto, subjetivas, procuram também sobreviver à passagem do tempo, o que a autora chama de “busca de transcendência”. Sem julgamento de valor prévio, os textos

devotados a “apreender a qualidade evanescente da vida”, como diz a pesquisadora, a nosso ver, se mostram importantes para se analisar o tempo histórico, caso das crônicas de Drummond, escritas sob um viés muito mais (auto)biográfico e menos jornalístico.

A opção pelo (auto)biográfico no lugar do jornalístico, do objetivo ao subjetivo, insere na crônica força expressiva por trabalhar com dados que não exigem do leitor referenciais de compreensão acerca do contexto de produção, mas antes a inserção de suas próprias vivências e conhecimento de mundo. Mais importantes são as narrativas, as tramas, experiências, sensações, lembranças daquelas pessoas, compartilháveis com os leitores, do que os temas nacionais ou supranacionais, por exemplo, da economia mundial. Nesse sentido, o tempo da subjetividade ganha tamanha importância que, no segundo parágrafo do prefácio, o cronista quase pede desculpa por adentrar a prosa, campo no qual teria pouca desenvoltura:

É um livro de prosa, assinado por quem preferiu quase sempre exprimir-se em poesia. Esse suposto poeta não desdenha a prosa, antes a respeita a ponto de furtar-se a cultivá-la. Seria inútil repisar o confronto das duas formas de expressão, para atribuir superioridade a uma delas. Mas a verdade é que se a poesia é a linguagem de certos instantes, e sem dúvida os mais densos e importantes da existência, a prosa é a linguagem de todo os instantes, e há uma necessidade humana de que não somente se faça boa prosa como também de que nela se incorpore o tempo, e com isto se salve esse último. (ANDRADE, 1973, p. 721).

No parágrafo seguinte do prefácio, o cronista apresenta uma espécie de alerta sobre os riscos de se tratar do tempo, problema fundamental para a literatura moderna:

Não há muitos prosadores, entre nós, que tenham consciência do tempo, e saibam transformá-lo em matéria literária. Frequentemente a literatura se faz à margem do tempo ou contra ele – seja por incapacidade de apreensão, covardia ou cálculo. Daí o vazio e o

*Observações
e confissões
de
Drummond
acerca do
tempo*

219

desconforto do texto literário, como a insatisfação que ele desperta em cada vez mais descrentes leitores. (ANDRADE, 1973, p. 721).

*Cristiano
Jutgla*

220

Em suma, o cronista assume a importância do tempo como matéria literária, mas não entende que se trate de empreitada das mais tranquilas. Sua fatura deve ter em vista conquistar leitores, compartilhar suas inquietações com o público. Adentrando o livro, encontramos um exemplo de leitura singular sobre o tempo na primeira crônica, “Três poetas românticos: Fagundes Varela, um solitário imperfeito”, tipo de ensaio dedicado ao motivo da solidão em sua poesia, no qual o escritor realiza um acurado levantamento de imagens sobre o assunto e faz observação bastante diversa da apreçada pela fortuna crítica do Romantismo brasileiro. No lugar de entender os reclamos na poesia vareliana como um traço de sua personalidade, ou destino de um eu-lírico velho e desesperançado, o escritor defende que tais marcas expressivas guardam profunda relação com problemas sociais, e não seu contrário, como dado subjetivo, distante da história.

No caso da poesia de Varela, a solidão se dá não no espaço da natureza, mas da grande cidade:

A solidão é nihilista. Penso numa solidão total e secreta, de que a vida moderna parece guardar a fórmula, pois para senti-la não é preciso fugir para Goiás ou as cavernas. No formigamento das grandes cidades, entre os roncões dos motores e o barulho dos pés e das vozes, o homem pode ser invadido bruscamente por uma terrível solidão, que o paralisa e o priva de qualquer sentimento de fraternidade ou temor. Um desligamento de todo compromisso liberta e ao mesmo tempo oprime a personalidade. Desta solidão está cheia a vida de hoje, e a instabilidade nervosa do nosso tempo poderá explicar o fenômeno de um ponto de vista científico; mas, poeticamente, qualquer explicação é desnecessária, tão sensível e paradoxalmente contagiosa é esta espécie de soledade. (ANDRADE, 1973, p. 728-9).

Essa revisão de um lugar-comum da fortuna crítica sobre um poeta romântico, portanto, bem distante do ambiente moderno do qual fizera parte Drummond, guarda pontos de contato

interessantíssimos com as reflexões de Theodor Adorno sobre o traço de resistência da lírica, como algo de ainda não reificado, por isso, profundamente coletivo: “A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela” (ADORNO, 2003, p. 66). Parece ser o caso da solidão nas cidades verificado na obra vareliana, e tema dos mais caros à poesia do itabirano.

Ao se debruçar sobre um poeta do século anterior, portanto, deslocado daqueles anos 30 e 40, Drummond emprega um recurso bastante valorizado na primeira metade do século XX, no caso, um distanciamento temporal cujo emprego tem na obra dramática e poética de Brecht um de seus principais exemplos. Com o recuo temporal, o autor obtém um resultado que retira do leitor seu gozo por pinceladas sobre os fatos atuais, lidos e consumidos como mercadoria.

Outro exemplo de tematização do tempo aparece na crônica “Estive em casa de Candinho” sobre a visita de Drummond a casa de Candido Portinari, situada no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro:

Olga vem abrir a porta. No seu rosto puro combinam-se timidez e hospitalidade. Não sabemos nunca o que devemos nos dizer, por isso geralmente não nos dizemos nada. Dá-se o tempo a Candinho para chegar-se e ver o embaraço da moça e a confusão do visitante, que se considera sempre um ladrão penetrando em casa fechada. Candinho vem sorrindo, calça azul, sapatos roxos ou verdes, camisa branca de meia manga, e diz: ‘Ah, é Drummond’. (ANDRADE, 1973, p. 755-6).

O trecho é construído por meio de um híbrido entre diário, narrativa ficcional, com tempo, espaço, narrador e personagens funcionando em consonância, e anotações fragmentadas e impressionistas. Essa mistura parece dialogar com a atmosfera da casa e das casas, constantemente povoadas, nas quais Portinari viveu. Assim, após apresentar ao leitor sua chegada ao domicílio

do pintor, Drummond dá alguns passos rumo a outra profusão de sensações:

A sala abre-se ao fim do pequeno corredor. De lá vêm luzes e vozes. Paro à entrada, atordoado. Cores e formas se propõem subitamente, com violência, à minha percepção. São figuras que se espalham pelas paredes: é o admirável “Preto”, destacando-se num fundo de postes telegráficos e de morros verdes, que um dia, num gesto de pura generosidade, o autor acaba me oferecendo; é o rubro retrato da filha de Anibal; são os moleques do ‘Futebol’; é o singelo e patético ‘Enterro no Morro’, é uma paisagem marinha sombria e de taciturna beleza; mas são também outras figuras humanas que se deslocam, que cruzam as pernas e fumam. Aí está, dobrado em dois (do contrário não caberia na sala) o poeta Murilo. (ANDRADE, 1973, p. 756).

Sem um enredo concatenado, as ações acontecem de certo modo a esmo; de um lado, o acanhamento da chegada; de outro, e a explosão de cores, figuras, imagens frente ao poeta mineiro. O que seria uma visita a um amigo ganha dimensões fortes devido à descrição variada, em mosaico, feita pelo narrador. As obras são o tempo concretizado de existência do pintor Portinari e não é à toa que a casa vive sempre frequentada, seja por artistas ou vizinhos, pouco ou muito conhecidos: “Há tanta gente na casa, e, entretanto, a casa é um navio solitário, na noite de Laranjeiras” (ANDRADE, 1973, p. 756).

A visita de Drummond vai muito além do que um simples encontro entre amigos. Na figuração do texto, entrevemos aspectos cotidianos de acolhimento (os vizinhos na casa), de generosidade (o presente dado a Drummond), de trabalho e estudo (os diversos quadros em produção), que constroem uma imagem dessacralizada, *menos oficial*, por isso, mais humana do pintor Portinari, tornando-o de fato Candinho, ato revelador do modo como esse trata seu tempo e lhe dá significado. Se pensarmos que estamos em plena Guerra Mundial, conforme lembrado pelo prefácio do cronista, e em um regime autoritário como o varguista, não lembrado pelo cronista, então, tais

elementos íntimos se tornam mais complexos porque revelam a ação do encontro, do afeto, da amizade, apesar do conflito bélico e dos problemas sociais imensos no Brasil.

Semelhante observação da passagem do tempo sobre os sujeitos históricos se faz presente também na crônica “Suas cartas”, na qual Drummond paga tributo ao eterno amigo Mário de Andrade, a seu ver, mestre intelectual e espiritual, que se correspondia com a juventude intelectual mineira dos anos 20:

As cartas de Mário de Andrade ficaram constituindo o acontecimento mais formidável de nossa vida intelectual belo-horizontina. Eram torpedos de pontaria infalível. Depois de recebê-las, ficávamos diferentes do que éramos antes. E diferentes no sentido de mais ricos ou mais lúcidos. Quase sempre ele nos matava ilusões, e a morte era tão completa que só podia deixar-nos ofendidos e infelizes. Então reagíamos com injustiças, tolices, o que viesse de momento ao coração envinagrado. Mário recebia sorrindo essas tolices, mostrava que eram simplesmente tolices, e ficávamos mais amigos.... (ANDRADE, 1973, p. 749).

Com esse terceiro exemplo, fica bastante nítido que Drummond transforma suas crônicas em testemunho do outro, constrói uma biografia não só da figura de Mário, mas de suas cartas, ou seja, da importância de seus textos. Trata-se de configurações expressivas que compõem um exercício encomiástico sobre Mário; por conseguinte, a crônica realiza uma leitura do tempo passado e também do tempo por vir, já que deixa aos futuros leitores uma imagem fortemente positiva do autor de *Macunaíma*.

Passemos ao diário íntimo de Drummond, intitulado *O observador no escritório* (1985). Também nessa obra em prosa, há um prefácio bastante produtivo para se pensar as relações entre a voz narradora e sua matéria central, o tempo:

Durante anos, como tanta gente, mantive um diário e, como tanta gente, acabei por abandoná-lo. Ao lado de anotações pessoais, registrava nele com frequência irregular, fatos políticos e literários

*Observações
e confissões
de
Drummond
acerca do
tempo*

223

que me interessassem. (...) Se os leitores encontrarem nestas páginas o eco de um tempo abolido, terei resgatado a minha nostalgia e fornecido matéria para conversa de pessoas velhas e novas. (ANDRADE, 1985, p. 5).

Inconstância e abandono da escrita, duas marcas recorrentes no cotidiano de quem escreve diário em sua luta com o tempo. No entanto, o tempo, com sua marcha contínua, é amigo, pois fornece, com seu ininterrupto caminhar, matéria para suas páginas, mas é algoz porque o autor deverá usar desse mesmo tempo, rico ou pobre de assuntos, para preencher seus espaços vazios. Como avalia Maurice Blanchot:

O diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades, já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante. Escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção, e é também proteger-se da escrita, submetendo-se à regularidade feliz que nos comprometemos a não ameaçar. (BLANCHOT, 2005, p. 270).

A regularidade feliz é, nas palavras do próprio Drummond, abandonada; como ocorre em tantos outros autores de diário, isso se dá como fruto da relação tensa, porque contraditória, com a passagem regrada do tempo. Para nosso objetivo, o mais importante do diário de Drummond é o registro, constante ou inconstante, da história brasileira, pois se trata de uma obra que veio a lume em sua versão definitiva somente em 1985, portanto, no final da ditadura militar e início da chamada “redemocratização”. Em outras palavras, o diário íntimo, escondido em seu ato de produção, mas público em sua intervenção no espaço social, atinge um arco amplo de temáticas e problemas ali presentes, importantes para se pensar conflitos e

impasses na sociedade brasileira invisíveis nos discursos oficiais do regime autoritário:

Então, se escreve o diário, há de ser por força de motivação psicológica obscura, inerente à condição de escritor, alheia à noção de utilidade profissional. Não pensei nisto, anos a fio, ao encher cadernos com anotações sobre o meu dia-a-dia, que jamais pretendi viessem a ter importância documental, como não tem. O impulso de escrever para mim mesmo, em caráter autoconfessional, ditou os feixes de palavras que fui acumulando e que um dia... destruí. Mas a própria destruição tem caprichos. Do conjunto sacrificado salvaram-se algumas páginas que hoje reúno em livro, depois de tê-las, na maior parte, colocado em minha coluna no *Caderno B* do *Jornal do Brasil*. *Animou-me a ingênua presunção de que possam dar ao leitor um reflexo do tempo vivido de 1943 a 1977, menos por mim do que pelas pessoas em volta, fazendo lembrar coisas literárias e políticas daquele Brasil, sacudido por ventos contrários. Fui, talvez, observador no escritório.* (ANDRADE, 1985, p. 7-8).

*Observações
e confissões
de
Drummond
acerca do
tempo*

225

Do trecho acima, que fecha o prefácio, podemos somar à discussão a sutil imagem do “Brasil, sacudido por ventos contrários”, que indica ser essa uma das principais matérias de seu diário, o qual servirá de ponte com outros leitores para se pensar o resultado do estabelecimento do autoritarismo, fenômeno inerente à nossa cultura, a um patamar oficial de política de Estado durante duas ditaduras. No plano privado, Drummond expõe questões agudas, que vão de encontro a valores tradicionais, sobre as ideias propaladas pelos partidos de direita, com suas teorias nacionalistas, ou o pragmatismo de grande parte da esquerda brasileira.

Segundo Jaime Ginzburg, o livro de Drummond, e outro diário também atravessado pela história do país, *Memórias do cárcere*, de Graciliano, vão de encontro ao horizonte de expectativa do público conservador de seu contexto de recepção:

Não creio que o mais importante, para reconhecer o valor desses livros, seja realizar uma demonstração de fidelidade a uma imagem

da realidade aceita por historiadores (sobretudo pela historiografia conservadora). As indicações autobiográficas de ambos podem, de fato, apontar para a localização, no tempo e no espaço, de eventos de interesse público. No entanto, esse aspecto não é suficiente para explicar sua importância. Cabe enfatizar que esses livros ganham em singularidade e relevância quanto mais os comparamos com outros discursos prestigiados no período em que foram produzidos.

Além de fazerem parte de um contexto social conflitivo, marcado por forte repressão e violência, eles participam de um debate intelectual, entre configurações discursivas, que contrastam pontos de vista. Diversos temas tratados por Graciliano Ramos e Drummond foram contemplados, em perspectivas autoritárias, por Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, entre outros. As enormes diferenças entre suas produções permitem visualizar a intensidade com que, no campo intelectual, os conflitos sociais marcavam os debates. Vocabulário, sintaxe, figuras de linguagem fazem parte da dinâmica desse conflito. (GINZBURG, 2009, p. 125).

Desse modo, a crônica e o diário drummondianos, gêneros embora escritos em condições e intenções diversas (o primeiro, produzido com intenções conscientes de publicação, portanto, ligado ao espaço público, ao jornal, à ordem do dia, e outro, íntimo, privado, subjetivo, voltado ao singular, à biografia), vão, a seu modo, tratando do tempo de maneira crítica e consciente das limitações do direito à exposição de opiniões devido aos aparatos oficiais de censura como DIP, no Estado Novo, e o DOPS na ditadura Militar.

Portanto, em *Confissões de Minas*, Drummond tratará predominantemente do tempo íntimo, com sua escrita biográfica cujo olhar se volta a colegas, amigos, obras literárias, artísticas e duas cidades mineiras. No entanto, o modo de composição de suas crônicas toca o leitor por ultrapassar o privado no sentido de pertencente a apenas um sujeito. Suas reflexões passam dessa esfera e atingem o coletivo. Por isso, o tom coloquial dos textos não deve ser entendido como uma leitura chã de seus assuntos, como bem alerta Antonio Candido ao falar da prosa do autor itabirano:

Assim, mesmo em escritos rotulados de 'crônica', muitos perdem o toque dominante de gratuidade ocasional (que costumamos associar ao gênero) e vão caminhando para outra coisa: poema, estudo, autobiografia – ou um certo tipo de reflexão, em geral bem disfarçada, que deixa para trás o pretexto imediato e mostra uma dimensão imprevista. Esta última modalidade leva a pensar que ele pratica a seu modo aquilo que Montaigne chamava ensaio, ou seja, o exercício em profundidade do pensamento, a partir de estímulos aparentemente fúteis ou desligados do que acaba sendo a matéria central. É em Montaigne que penso quando vejo Drummond, numa prosa que se apresenta como algo irrelevante, deslizar do papo para reflexões de um alcance e densidade que nos fazem incluí-lo na família mental dos que ensaiam o pensamento, a pretexto de motivos inesperados; mesmo quando ele volta de repente a algo que parece insignificante, como se quisesse, por meio desse particular corriqueiro, quebrar o 'ensaio' e refazer a 'crônica'. (CANDIDO, 1996, p. 17-8).

*Observações
e confissões
de
Drummond
acerca do
tempo*

227

No caso das obras aqui discutidas, ambas transformam seus usos e modos de configuração tradicionais. Basta dizer que, se em *Confissões de Minas* não vemos referências explícitas aos problemas históricos gravíssimos (como o nazifascismo e a guerra, com exceção do prefácio), em *Observador no escritório*, o autor tratará justamente de temas prementes, como a “deposição de Getúlio”, em outubro de 45, ou a visita do próprio Drummond a Luís Carlos Prestes, encarcerado pelo Estado Novo, registrada no diário em 16 de abril, também no ano de 45.

Além disso, o autor não só trata de outros temas, mais íntimos e pesados, como a morte de Mário de Andrade, mas também transcreve um poema em homenagem à anistia política concedida após a saída de Vargas do poder, revelando assim que não era condescendente com o regime para o qual trabalhava, conforme o registro de 26 de março de 1945: “Com a supressão da censura e permissão de visitas aos presos políticos, a figura de Luís Carlos Prestes desperta enorme interesse neste momento de procura de rumos democráticos. Como se pronunciará ele, depois de anos de silêncio forçado e de sofrimentos atroz?” (ANDRADE, 1985, p. 27).

Na entrada de 14 de dezembro de 1968, o leitor se depara com anotações críticas acerca da semelhança entre de episódios, ações, impasses, que remontam à República Velha, passando pelo regime varguista; no entanto, a diferença é que nesta segunda ditadura vivida, o escritor parece testemunhar um melancólico *déjà vu* a desfilar diante de seus olhos, materializado no golpe final do AI-5, cujo conteúdo lançaria a pá de cal sobre as poucas liberdades jurídicas e políticas, ainda vigentes no país. O texto é grande, mas se faz necessária sua transcrição integral:

Minhas mais antigas lembranças políticas, remontando à infância, giram em torno do quadriênio presidencial do Marechal Hermes, em que o estado de sitio suspendeu as liberdades do cidadão, governadores de Estado foram depostos, jornalistas da Oposição presos, o navio Satélite despejando corpos no mar, a Bahia bombardeada. Quase 60 anos depois, o Governo de outro marechal (e na minha velhice) golpeia a Constituição que ele mesmo mandou fazer e suprime, por um “ato institucional”, todos os direitos e garantias individuais e sociais. Recomeçam as prisões, a suspensão de jornais, a censura à imprensa. *Assisto com tristeza à repetição do fenômeno político crônico da vida pública brasileira, depois de tantos anos em que a violência policial, o desprezo às normas éticas e jurídicas se manifestaram de maneira contundente, em crises repetidas e nunca assimiladas como lição. Renuncio à esperança de ver meu país funcionando sob um regime de legalidade e tolerância. Feliz Natal...* (ANDRADE, 1985, p. 165, grifo meu).

Mais adiante, na sintética entrada do dia 17 de dezembro, três dias, portanto, após o registro, Drummond anota sobre o clima de medo e perseguição instaurado no país: “Adiada até quando? – a festa da Editora Sabiá, no Museu de Arte Moderna, para lançamento de livros de Chico Buarque de Holanda e Clarice Lispector, e do meu *Boitempo*. Chico foi detido ontem, submetido a interrogatório grosseiro, e solto hoje, intimidado a não se afastar do Rio. Não há clima para festa” (ANDRADE, 1985, p. 166).

Se compararmos as duas entradas, veremos que Drummond reconhece a dificuldade na construção de um regime

democrático no Brasil, ao tempo em que nossa formação autoritária está à solta, ou melhor, chamada à baila para servir de força motriz no campo institucional do Estado brasileiro. Em seguida, o autor traz os detalhes do endurecimento dos militares, na concreta censura a qualquer manifestação coletiva (suspensão de uma festa, de lançamentos de obras ou discos como os de Chico Buarque e o próprio Drummond, sem falar de Clarice), revelando-se um observador arguto dos instrumentos e ações do autoritarismo no país.

Não nos parece à toa que na última entrada, de dezembro de 1968, Drummond consiga narrar, em meio à paranoia de escutar batidas na porta, uma experiência simples, mas tocante, sobre amigos que conseguiram por algumas horas burlar a repressão. O “Feliz Natal” é retomado de maneira acanhada, delicada, quando até a surpresa de um solo de flauta, devido ao receio de ser vítima da ditadura, é recomposta. Vejamos a entrada de 22 de dezembro, a qual encerra o ano que não acabou:

Ouviu-se o ruído de elevador parando no andar. A luz do *hall* acendeu-se. E ninguém tocou a campainha. Intrigado, fui abrir a porta. Era a família Rónai – Paulo, Norma, Cora e Laura – numa visita de Natal. Laurinha queixou-se:

- Atrapalhou tudo! Eu queria tanto me anunciar com um solo de flauta, e não deu tempo...

A garota já tirara o instrumento do estojo e preparava-se para iniciar a peça, mas estava perdido o elemento surpresa.

- Não seja por isso – tranquilizei-a. – Eu fecho a porta e você começa a tocar.

Dito e feito. A melodia suave derramou-se no pequenino *hall*, que pela primeira vez tinha a honra de abrigar um miniconcerto, impecavelmente executado. Laurinha e a flauta se entendem muito bem. Foi a mais deliciosa visita de Natal em minha vida. (ANDRADE, 1985, p. 165).

Além da reconstrução da surpresa estragada por Drummond, mas cujo resultado foi ótimo ao escritor (“a mais deliciosa visita de Natal em minha vida”) e, possivelmente aos

*Observações
e confissões
de
Drummond
acerca do
tempo*

229

demais amigos, a tensão presente na pequena narrativa lembra a canção de Chico Buarque, quando o autoritarismo conseguira transformar as leis e a própria cultura, a ponto de se chamar por quem sempre nos impingiu terror, como denunciariam em disco de 1974 os “desconhecidos” Leonel Almeida e Julinho da Adelaide, esse último, pseudônimo de Chico: “Acorda, amor/Eu tive um pesadelo agora/Sonhei que tinha gente lá fora/Batendo no portão, que aflição/Era a dura, numa muito escura viatura/Minha nossa santa criatura/Chame, chame, chame lá/Chame, chame o ladrão, chame o ladrão”.

Outro aspecto que nos chama a atenção no diário íntimo do poeta mineiro é a presença de ao menos duas esferas de registro, no caso, “anotações pessoais”, bem como “fatos políticos e literários”, presença que nos remete às palavras de Philippe Lejeune, o qual, já nos anos 70, empreendia grande esforço por delinear as principais características da autobiografia e gêneros próximos, como o diário, alçando o discurso autobiográfico à condição de objeto de pesquisa:

O texto [autobiográfico] deve ser *principalmente* uma narrativa, mas sabe-se a importância do discurso na narração autobiográfica; a perspectiva, *principalmente* retrospectiva: isto não exclui nem seções de auto-retrato, nem diário da obra ou do presente contemporâneo da redação, nem construções temporais muito complexas; o assunto deve ser *principalmente*, a vida individual, a gênese da personalidade: mas a crônica e a história social ou política podem também ocupar um certo espaço. (LEJEUNE, 2008, p. 15, grifo do autor).

Se concordarmos com Arfuch (2010, p.132) no sentido de que os gêneros do chamado espaço biográfico (do qual o diário faz parte) estão sempre em aberto e mutantes, então é compreensível a força d’*O observador no escritório*. A perspectiva adotada de analista dos fatos históricos prementes, mesclada a comentários sobre o cotidiano mais chão, e as

anotações sobre a importância das amizades, formam um mosaico bastante multifacetado que vai de encontro à homogeneidade discursiva oficial dos valores conservadores do autoritarismo brasileiro à época, seja no plano do imaginário coletivo, seja no plano oficial com o Estado Novo e a ditadura militar dos anos 60/80. Nesse sentido, na heterogeneidade de temas, gêneros e estratégias discursivas, presentes nas duas obras em questão, podemos concordar com Beatriz Sarlo acerca da difícil elaboração do tempo:

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado é um desejo ou um lugar-comum.

Além de toda decisão pública ou privada, além da justiça e da responsabilidade, há algo inabordável no passado. Só a patologia psicológica, intelectual ou moral é capaz de reprimi-lo; mas ele continua ali, longe e perto, espreitando o presente como a lembrança que irrompe no momento em que menos se espera ou como a nuvem insidiosa que ronda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar. Não se prescinde do passado pelo exercício da decisão nem da inteligência; tampouco ele é convocado por um simples ato de vontade. O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente. (SARLO, 2007, p. 9).

Nas duas obras, “nosso leiteiro” labuta com o tempo, sobretudo resiste à homogeneidade das manchetes oficiais, ao colocar no primeiro plano de suas crônicas a importância de seus amigos, obras de arte e cidades; trabalho que também ocorre em seu diário íntimo ao mostrar que, infelizmente, no cotidiano de

*Observações
e confissões
de
Drummond
acerca do
tempo*

231

nossa história, “ladrão se mata com tiro”, como traumáticamente nos narra “Morte do leiteiro”.

Time in Drummond’s confessions and observations

Abstract: The article aims to analyze two of Carlos Drummond de Andrade’s works, namely, the book of chronicles *Confissões de Minas* [Confessions from Minas] (1944) and *O observador no escritório* [The observer in the office] (1985). The central problem of the paper is the dialogue of Drummond’s texts with the historical time, a dialogue that extends from the 1930’s to the 1970’s. The author employs expressive strategies that indicate an awareness of the contradictory relationship between the modernization project in Brazil and historical impasses, of which authoritarianism is one of the most important and representative examples.

Cristiano
Jutglà

232

Keywords: Authoritarianism. *Confissões de Minas*. Drummond. *O observador no escritório*.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O observador no escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. EdUERJ, 2010.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

BRECHT, Bertolt. *Poemas: 1913-1956*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

BUARQUE, Chico; PAIVA, Leonel. *Acorda amor*. Disponível

em: <<http://www.chicobuarque.com.br/construcao/index.html>>. Acesso em 15 abr. 2012.

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

GALLE, Helmut; OLMOS et al. *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume; FFLCH; FAPESP, 2009.

HANSEN, João Adolfo. Alguma prosa de Drummond. *Floema, Caderno de Teoria e História Literária*, Vitória da Conquista, n. 2 A, p. 171-210, out. 2006.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto biográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1985.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

*Observações
e confissões
de
Drummond
acerca do
tempo*

233